

O Estado de São Paulo
Segunda-feira, 3 de fevereiro de 2003

Elefante é maior do que rinoceronte

PROTECIONISMO EUROPEU TENTA, SEM SUCESSO, ESCONDER-SE ATRÁS DO
PROTECIONISMO DOS EUA

MARCELO DE PAIVA ABREU

No Palácio Eliseu, na entrevista conjunta com o presidente Jacques Chirac, em sua recente viagem à Europa, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez declarações surpreendentes sobre as negociações comerciais que envolvem o Brasil. Enfatizou que o Brasil "não aceitará" as medidas protecionistas recentemente adotadas pelo Congresso dos EUA e que as negociações da Alca estariam condicionadas à sua revisão. Não há qualquer dúvida de que as recentes decisões norte-americanas quanto a salvaguardas para produtos siderúrgicos e à Farm Bill, embora legais segundo as regras da OMC, são condenáveis por sinalizarem um limitado empenho do governo norte-americano em relação ao desmantelamento do protecionismo, ao mesmo tempo em que os EUA apresentam significativa proposta de redução da proteção à agricultura no quadro das negociações multilaterais. Parece irrealista condicionar as negociações da Alca à revisão destas decisões protecionistas sem mesmo tomar conhecimento da proposta dos EUA.

Por várias razões, o lugar e o timing da declaração presidencial parecem longe do ideal. É difícil exagerar quão favorável ao governo Lula é o clima em Washington. Em declarações recentes no Brazil-U.S. Business Council importantes funcionários de segundo escalão do governo norte-americano - Peter Allgeier, deputy United States trade representative, e John Taylor, Under Secretary for International Affairs do U.S. Treasury Department - manifestaram o firme propósito de cooperação com o novo governo brasileiro tanto no quadro das negociações da Alca, quanto em relação à sustentação do programa de estabilização. Foi enfatizado quanto se aprecia a disposição da nova equipe econômica em dar continuidade aos esforços do governo anterior, adotando ("embracing") o seu programa. E, ao contrário do que quase certamente ocorreria em ocasiões anteriores, não houve farpas quanto a posições adotadas pelo Brasil, no passado, em discordância com os EUA.

Neste quadro é difícil pensar que o efeito da entrevista de Lula com Chirac tenha contribuído para consolidar a contínua aproximação entre Washington e Brasília. É como se houvesse alguma maldição envolvendo o triângulo Brasil-França-EUA. Em seu famoso discurso na Assembléia Nacional francesa, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, ao criticar os EUA para uma platéia vista em Washington com grande desconfiança, trocou a melhora na sua biografia por uma segura piora nas relações Brasil-EUA. É mais do que desejável que o Brasil mantenha relações profícuas com a França. Mas não há nada que obrigue que manter boas relações com Paris deva resultar em azedar as relações com os EUA, especialmente no terreno econômico.

O ideal teria sido que o presidente do Brasil, sem descortesia com o seu anfitrião protecionista, tivesse sublinhado de forma genérica quão importante é para o Brasil a melhora no acesso a mercados de exportação nos quais enfrenta obstáculos, especialmente no caso da agricultura. Mas o que se viu foi o presidente francês aproveitar-se da oportunidade para, quando questionado sobre a posição protecionista da França em relação à agricultura, afirmar sem pestanejar que o alegado protecionismo europeu é mais propaganda do que realidade e que a Europa subsidia menos a agricultura do que os EUA. Não se sabe bem quais as fontes de informação de que se valeu o presidente Chirac para sustentar tão delirantes afirmações. Com base em qualquer critério relevante a agricultura da União Européia é muito mais subsidiada do que a agricultura dos EUA, como pode ser visto nas fontes mais abalizadas sobre o assunto publicadas pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico, com sede em... Paris. O presidente Chirac pode pedir a um seu funcionário no Eliseu que pegue o metrô da linha 9 em Franklyn-Roosevelt, direção ponte de Sèvres,

desça na estação de La Muette, vá à rua André Pascal 2 e compre, por exemplo, o livro Agricultural Policies in OECD Countries: Monitoring and Evaluation 2002. Poderá verificar que o protecionismo agrícola europeu é fato e não propaganda além de mais significativo do que o norte-americano.

Os EUA fizeram recentemente em Genebra uma proposta construtiva de redução da proteção à agricultura no quadro da Rodada Doha. Enquanto isto a França, secundada pela Irlanda, criou todo o tipo de dificuldades para que fosse aprovada no âmbito da Comissão Europeia uma tibia proposta comunitária para apresentação em Genebra de acordo com o cronograma da rodada Doha. A proposta inicial da Comissão foi ainda piorada pelos ministros comunitários, um dia antes do encontro Lula-Chirac. A imagem do comissário europeu para a Agricultura, Franz Fischler, é tão brutal quanto realista: se a União Europeia não for capaz de apresentar um programa de liberalização agrícola, "merece ser chamada de anão político".

É essencial que o Brasil, sem esmorecer na campanha de solapar os alicerces do protecionismo agrícola norte-americano, necessária para que haja qualquer esperança de sucesso nas negociações da Alca, mantenha o protecionismo agrícola europeu sob ataque. A atratividade de uma aproximação política do Brasil com a Europa, especialmente com a Alemanha e a França, é clara. Não deve, entretanto fazer com que sejam perdidos de vista os interesses comerciais e financeiros do País e que se desperdice a possível janela de oportunidade aberta em Washington. Talvez seja a hora de testar se realmente "tudo está na mesa" como dizem os negociadores norte-americanos.

Marcelo de Paiva Abreu é professor do Departamento de Economia da PUC-Rio